

### **As Universidades da Terceira Idade em Portugal: Contributos para uma caracterização.**

*Esmeraldina Costa Veloso* [eveloso@iep.uminho.pt](mailto:eveloso@iep.uminho.pt)

---

#### **Resumo:**

A autora pretende contribuir em primeiro lugar para o levantamento e caracterização das denominadas universidades da terceira idade, em Portugal, procurando analisar diferentes entidades que estão compreendidas sob a mesma designação, tendo em conta alguns aspectos, nomeadamente: área geográfica de implantação, natureza jurídica, actividades que desenvolvem, objectivos, alguns dados sobre os utentes.

Tendo-se assistido na década de 90, em Portugal, à emergência de um número crescente destas instituições e também a um aumento do interesse pelas questões da “3ª idade”, procura-se compreender a relação entre a terceira idade e educação e estudar um contexto educativo específico que são as universidades da terceira idade.

Este trabalho insere-se na investigação que se encontra em curso, no âmbito do projecto de doutoramento.

Os dados a apresentar resultam de uma primeira análise de entrevistas, assim como da análise de alguns documentos, como os estatutos.

#### **Caracterização das Universidades da Terceira Idade em Portugal – algumas dimensões.**

No âmbito da investigação, foram apuradas vinte e seis Universidades da Terceira Idade (a que denominaremos UTI's), especificamente entre 1998 e 1999, em Portugal Continental, tendo sido entrevistados 22 dos seus responsáveis.

O número de utentes das universidades contactadas, na altura da recolha de dados, era aproximadamente de cinco mil e setenta e sete.

A primeira UTI a surgir em Portugal data de 1978, com implantação geográfica em Lisboa, tendo surgido mais cinco, na segunda metade da década de 80,: três no Norte e duas em Lisboa.

Ao longo da década de 90, principalmente na segunda metade, assiste-se em Portugal à emergência da maior parte das UTI's (surgem sete UTI's na primeira metade da década de 90 e nove na segunda metade dessa década).

#### **Implantação geográfica**

Uma das primeiras características que constatamos sobre as UTI's em Portugal é que se trata de um fenómeno principalmente urbano, com uma maior implantação geográfica no litoral do país, registando-se uma elevada concentração no litoral Norte onde se encontram 50% das UTI's (no Norte encontram-se 11, na região centro 2, na região da grande Lisboa 4 e no Algarve 5).

A distribuição geográfica não deixa de ser interessante, isto se tivermos em conta a implantação geográfica de outros equipamentos para a terceira idade, como é o caso dos lares e dos centros de dia. Verifica-se que os distritos com mais idosos a residirem em lares são os distritos mais envelhecidos como Beja, Évora, Portalegre, Vila Real e Castelo Branco ( cf. Fernandes, 1979: 152-153).

Ana Fernandes (1979: 154) verifica que a distribuição dos centros de dia parece ser mais concentrada nos distritos com grandes centros urbanos como Lisboa e Setúbal. No Norte do país, os centros de dia, segundo a mesma autora, poderão não ter grande adesão junto dos mais idosos “porque as características são de um povoamento mais disperso, com menos concentração de

população idosa e relações de sociabilidade (de família e de vizinhança) mais intensas e em maior número” (ibidem).

Poderemos então considerar que as UTI's encontram-se localizadas em distritos que nem são os mais envelhecidos, nem são os que apresentam maior número de Centros de Dia e que, a priori, parecem não reunir as condições mais favoráveis para a implementação de UTI's.

### **Natureza jurídica**

Caracterizando juridicamente as UTI's, a maior parte são associações sem fins lucrativos. Existem alguns casos mais pontuais como, por exemplo, Cooperativa e Instituto.

De entre todas as associações sem fins lucrativos, quatro tornaram-se Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) com o objectivo de obterem apoios do Estado. O facto de se terem tornado IPSS teve como consequência uma complexificação organizacional, alterações dos métodos de trabalho, assim como, certas pressões exercidas pelo Centro Regional de Segurança Social sobre as UTI's, para que alterassem os seus serviços de acordo com o que o Estado entende que devam ser os serviços prestados pelas IPSS's.

Estes factos levam-nos a problematizar o papel do Estado e as relações que estabelece com outros parceiros sociais, nomeadamente com o do denominado “terceiro sector”.

A relação entre Estado e IPSS's foi objecto de investigação num projecto coordenado por Hespanha (1999: 35) o qual coloca uma hipótese que consideramos ser relevante para a nossa análise: “(...) a institucionalização da sociedadeprovidência, através da conversão ou integração de certas formas de acção em instituições privadas sem fins lucrativos, sob a tutela do Estado conduz a uma inevitável perda de flexibilidade e de autonomia”.

Este autor refere também que um dos riscos que as IPSS's correm é o do “processo de funcionarização”, o qual é, igualmente, provocado pela forma como essas instituições são subsidiadas pelo Estado, pois têm “de se organizar por forma a respeitarem as finalidades públicas ligadas à produção de serviços de protecção social” (idem: 36).

### **Actividades**

A maior parte das actividades desenvolvidas abrangem disciplinas, variando o seu número entre as UTI's, desde o mínimo de 10 até ao número máximo de 64 disciplinas.

A maioria das disciplinas que encontramos são comuns a todas as universidades, variando o número de cada disciplina em função dos níveis de aprofundamento e dos tipos de materiais de pintura e de artes decorativas.

1 Iremos apresentar as disciplinas pelos seguintes grupos de áreas disciplinares que nos pareceram adequadas:

- Línguas : sendo as mais frequentes o Inglês, o Francês, o Português. Existe, também, Espanhol, Alemão, Italiano, Espanhol, Árabe e Chinês;
- Literatura portuguesa;
- Ciências Sociais : de entre estas ciências, a que tem uma presença constante em todas as universidades é a História, derivando para a História Local, História de Arte, História de Portugal, História

Em algumas UTI's é estabelecida uma diferenciação entre as disciplinas que denominam de “teóricas” e as que apelidam de “práticas”, correspondendo às primeiras as línguas, as ciências sociais, entre outras, e às disciplinas “práticas” a pintura e outras artes plásticas e decorativas e o desporto.

Para além destas “actividades curriculares” (outra designação dada às disciplinas em algumas UTI's) existem as actividades a que denominam “extra-curriculares”. Estas englobam visitas de estudo, palestras, conferências, seminários, com uma periodicidade mensal, em muitos casos.

Em determinadas UTI's foram incorporados certos rituais académicos, constituindo momentos de convívio, de sociabilidades e de socialização como é o caso da abertura do ano com uma “lição de sapiência” (o ritual mais comum), ou da semana académica, ou do encerramento do ano “lectivo”.

De acordo com a nossa investigação, parece haver uma lógica de academização das UTI's, visível nas actividades e no próprio modelo curricular que desenvolvem, assim como um mimetismo em relação à instituição universitária, que se traduz pela própria designação de Universidade da Terceira Idade e pelos rituais académicos.

### **Objectivos**

Na sua esmagadora maioria, as UTI's são associações sem fins lucrativos, como já referimos, e, de uma forma geral, têm como objectivos, entre outros,: a “promoção, a valorização e a integração do idoso”, “o contacto com a realidade e a dinâmica social local”, “a ocupação dos tempos livres”, e “evitar o isolamento e a marginalização”. Para a concretização de tais objectivos propõem-se criar um instituto superior ou universidade.

### **Alguns dados sobre os “alunos”<sup>2</sup>**

Relativamente às idades dos utentes que frequentam as UTI's regista-se alguma diversidade.

Contemporânea, entre outros ramos. Existem outras ciências sociais, mas só nalgumas universidades, como é o caso da Sociologia, Antropologia, Economia, Geografia.

- Ciências da Natureza /da Saúde e similares: Genética, Biologia, Ciências da Saúde, Saúde Pública ,Ciências da Nutrição, Gerontologia;

- Informática, a funcionar em muitas UTI's;

- Música, englobando tanto o Canto Coral, como grupo instrumentais, aprendizagem de instrumentos.

No caso de UTI's em que existe um coro ou grupo de cavaquinho, costumam actuar em eventos da localidade respectiva ou em outras instituições de idosos, principalmente, em datas festivas como o Natal.

- Artes Plásticas/Decorativas - é uma outra área que está sempre presente, excepto numa UTI. A disciplina mais comum desta área é a pintura havendo uma diversidade dos materiais: tela, porcelana, vidro, óleo, carvão, acrílico, pastel. Existem casos em que, também, têm desenho, trabalhos em cerâmica, em estanho, joalharia, encadernação.

- Desporto : as modalidades mais praticadas são natação e ginástica de manutenção.

- Danças de Salão: não é uma prática muito comum.

Esta denominação de “alunos”, utilizada por alguns entrevistados para se referirem a quem frequenta as UTI's, indicia, entre outros aspectos, a predominância duma concepção e de uma possível prática de educação considerada como educação formal, académica, num contexto educativo que deveria ser entendido como não formal, perspectivado como educação permanente e educação de adultos, no qual o papel de “aluno” e a relação pedagógica deviam ser diferentes do que o são num contexto académico tradicional e formal .

A maioria dos entrevistados referiu que a idade da maior parte da população que as frequentava situava-se entre os 50 anos e os 65 anos, sendo a idade mínima de 19 anos e a máxima nos 93 anos.

As UTI's têm diferentes critérios de selecção no que se refere à idade: umas não estabelecem limites de idades, outras só a partir dos 40 ou dos 50 anos.

As mulheres estão em percentagem mais elevada que os homens, chegando a atingir em alguns casos os 80%.

### **Abordagem teórica**

O facto de a velhice ser considerada como um problema social tem a ver, entre outros aspectos, com a intervenção do Estado através da institucionalização dos sistemas de reforma e com alterações que surgiram no seio da organização familiar (cf. Fernandes; 1997: 2-3).

Contudo, há a salientar que apesar destas alterações e da intervenção de instituições e de pessoal especializado no cuidado dos idosos, a solidariedade e o apoio ao idoso por parte da família continuam a ser prestados, embora existam condicionalismos vividos por esta que originam alterações na forma da prestação desse apoio (cf. Fernandes, 1998; Gil, 1999)

Um outro aspecto que é importante focar nesta breve problematização do conceito de terceira idade, é o facto de os idosos de hoje viverem as situações de reforma e velhice de forma diferente de algumas décadas atrás. Como observou Pierre Brasseul (1981: 10) “não se vive a reforma em 1980 como se viveu em 1960.

De facto, dois modelos de velhice coexistem hoje : uma velhice activa ao lado da velhice passiva tradicional”.

Nos países mais avançados, actualmente, a esperança de vida é mais elevada, as condições económicas tem vindo a melhorar para um número cada vez maior de idosos, os cuidados de saúde estão mais generalizados, do que estavam algumas décadas atrás, assim como o acesso à cultura e à educação.

As idades de reforma são cada vez mais precoces o que implica que os reformados de hoje sejam mais jovens do que os seus antepassados.

Uma outra mudança, referenciada por Brasseul (1981: 11), na forma da vivência da reforma/velhice, é o aumento da participação dos reformados/idosos na vida cultural e a necessidade de se sentirem inseridos social e culturalmente; continuarem activos e actualizados em diferentes áreas do conhecimento, o que, por sua vez, vai explicar o sucesso das UTI's e a sua elevada procura social.

Esta questão articula-se com outros dois factos das sociedades desenvolvidas que são: o rápido desenvolvimento da tecnologia e do conhecimento e o facto da educação começar a ser, cada vez mais, perspectivada como um processo ao longo da vida, valorizando e envolvendo outros contextos e agentes educativos, ultrapassando a visão limitada e exclusivista de educação como educação escolar e como preparação para o mundo do trabalho.

### **Conclusão**

A década de 90 em Portugal foi a década em que emergiram a maior parte das UTI's existentes e constatamos que há uma elevada concentração destas instituições no litoral e no Norte do país.

A figura jurídica mais comum a todas as UTI's é a de associação sem fins lucrativos, existindo outras situações mais pontuais como, por exemplo, cooperativa e Instituto.

As actividades que são mais desenvolvidas são as actividades “curriculares”. As actividades recreativas como visitas de estudo, passeios, convívios fazem, igualmente, parte dos seus programas.

As UTI's têm sido alvo de variadas críticas. A mais usual refere que pelo facto de separarem os idosos dos outros grupos etários, não lhes permite uma integração social, como muitas vezes é

defendida em discursos oficiais. ( cf. Ana Alexandre, op. cit.: 159; Assies Nationales, op.cit.: 24, 27, 30 ).

O facto da população de idosos que frequenta estas instituições pertencer, principalmente, a posições sociais médias e elevadas, conduz à crítica de estas serem selectivas e elitistas.

Uma outra crítica que nos parece particularmente pertinente e importante em termos educativos, é a de que os idosos podem correr o risco de serem meros espectadores ou consumidores de cultura ou de determinados conhecimentos, em vez de serem, também eles, produtores de “saber” (Assies Nationales, op.cit.: 28).

Contudo, e apesar das críticas, há aspectos positivos que as UTI's desenvolvem, quer ao nível da vida pessoal dos idosos, quer a nível colectivo.

Um dos seus contributos principais, segundo o estudo da Associação Internacional de Universidades de Terceira Idade (s.d.: 178), é o de contrariar as representações sociais que existem acerca deste grupo etário que os vêem como “seres débeis e vulneráveis”.

A reforma pode originar alterações mais ou menos profundas na vida de quem a vive. De entre muitas, focamos a alteração do ritmo de vida e da noção do tempo, passando de um tempo ritmado e organizado em função do trabalho para um outro tempo: um tempo contínuo, em que os dias não são diferentes uns dos outros.

A frequência nas UTI's devolve um ritmo e uma significação diferentes ao tempo vivido por alguns reformados/idosos.

## **Bibliografia**

Asociación Internacional de Universidades de Tercera Edad (s.d.) Las aportaciones de las U.T.E. a los estudiantes. Las aportaciones de las U.T.E. a la sociedad.1996/1997. Roma: EdUp Srl.

Assises Nationales des Retraites et Personnes Âgées (s.d.) Education et Personnes Âgées. Paris: Secrétariat D'État Chargé des Personnes Âgées, Ministère des Affaires Sociales et de la Solidarité Nationale Bresseul, Pierre (1981) “En guise de Préface. Pourquoi apprendre quand on a cessé de vivre?”, in Carré, Philippe, Retraite et Formation. Toulouse: Editions Erès, pp. 9 -114.

Duchesne, Paulin (s. d.) “Bélgica : una cantera de Universidades de la Tercera Edad”, in Asociación Internacional de Universidades de Tercera Edad , Las aportaciones de las U.T.E. a los estudiantes. Las aportaciones de las U.T.E. a la sociedad.1996/1997. Roma: EdUp Srl, pp. 68 - 76.

Fernandes, Ana Alexandre (1997) Velhice e Sociedade. Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal. Oeiras: Celta Editora.

Gil, Ana Paula Martins (1999) “Redes de solidariedade intergeracionais na velhice”. Cadernos de Política Social, nº 1, Junho, pp. 91 - 114.

Ver o artigo de António Simões (1999) “A educação dos idosos uma tarefa prioritária” in Revista Portuguesa de Educação, Volume 12, nº 2, no qual refere diferentes aspectos da aprendizagem dos idosos.

Hespanha, Pedro (1999) “Em torno do papel providencial da sociedade civil portuguesa”. Cadernos de Política Social, nº 1, Junho, pp. 13 - 42.

Hietalueoma, Anneli (s. d.) "Las Universidades de la Tercera Edad en Finlandia", in Asociación Internacional de Universidades de Tercera Edad, Las aportaciones de las U.T.E. a los estudiantes. Las aportaciones de las U.T.E. a la sociedad. 1996/1997. Roma: EdUp Srl, pp. 133 - 138.

Jarvis, Peter (1985) Adult and Continuing Education. Theory and Practice. London: Routledge.

Lenoir, Rémi (1987) "L'invention du Troisième âge: constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse". Actes de la recherche en sciences sociales, n° 26-27, pp. 57 - 82.

Minois, Georges (1987) Histoire de la Vieillesse. De l'Antiquité à la Renaissance. Paris: Librairie Arthème Fayard.

Tompson, Jean (s.d.) "Gran Bretaña. Un breve historia de las 'University of Third Age and the Third Age Trust'", in Asociación Internacional de Universidades de Tercera Edad, Las aportaciones de las U.T.E. a los estudiantes. Las aportaciones de las U.E. a la sociedad. 1996/1997. Roma: EdUp Srl, pp. 125 - 131.